



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO  
CONCURSO PÚBLICO PARA SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS  
EDITAL Nº 124/2016-GR

**PROVA ESCRITA PARA O CARGO DE**

**Revisor de Texto**

**- Opção -**

**106**

**INFORMAÇÕES AO CANDIDATO**

1. Escreva seu nome e número de CPF, de forma legível, nos locais abaixo indicados:

NOME: \_\_\_\_\_ Nº. CPF: \_\_\_\_\_

2. Verifique se o CARGO e o CÓDIGO DE OPÇÃO, colocado acima, é o mesmo constante da sua FOLHA RESPOSTA. Caso haja qualquer divergência, **exija do Fiscal de Sala um caderno de prova, cujo CARGO e o CÓDIGO DE OPÇÃO sejam iguais ao constante da sua FOLHA RESPOSTA.**
3. A FOLHA RESPOSTA tem, obrigatoriamente, de ser assinada. Essa FOLHA RESPOSTA **não** poderá ser substituída, portanto, **não** a rasure nem a amasse.
4. DURAÇÃO DA PROVA: **3 horas**, incluindo o tempo para o preenchimento da FOLHA RESPOSTA.
5. Na prova há 40 (quarenta) questões, sendo 10 (dez) questões de Língua Portuguesa e 30 (trinta) questões de Conhecimentos Específicos, apresentadas no formato de múltipla escolha, com cinco alternativas, das quais **apenas uma** corresponde à resposta correta.
6. Na FOLHA RESPOSTA, as questões estão representadas pelos seus respectivos números. Preencha, por completo, com caneta esferográfica (tinta azul ou preta), toda a área correspondente à opção de sua escolha, sem ultrapassar as bordas.
7. Será anulada a questão cuja resposta contiver emenda ou rasura ou para a qual for assinalada mais de uma opção. Evite deixar questão sem resposta.
8. Ao receber a ordem do Fiscal de Sala, confira este CADERNO com muita atenção, pois, nenhuma reclamação sobre o total de questões e/ou falhas na impressão será aceita depois de iniciada a prova.
9. Durante a prova, **não** será admitida qualquer espécie de consulta ou comunicação entre os candidatos, nem será permitido o uso de qualquer tipo de equipamento (calculadora, telefone celular, etc.), chapéu, boné, ou similares, e óculos escuros.
10. A saída da sala só poderá ocorrer depois de decorrida 1 (uma) hora do início da prova. A não observância dessa exigência acarretará a sua exclusão do concurso.
11. Ao sair da sala, entregue este CADERNO DE PROVA, juntamente com a FOLHA RESPOSTA, ao Fiscal de Sala. O candidato que se retirar após às 11h, poderá levar o CADERNO DE PROVA.
12. Os três últimos candidatos deverão permanecer na sala de prova e somente poderão sair juntos do recinto, após a aposição em Ata de suas respectivas identificações e assinaturas.



Leia o **TEXTO 01** para responder à questão 1.

**TEXTO 01**

**MÃES SURPREENDEM TORCEDORES UNIFORMIZADOS EM CLÁSSICO EM PE**

*Jogo entre Sport e Náutico na Arena PE teve iniciativa inédita de combate à violência*

Por **Daniel Gomes** (08/02/2015)

Escortados pela Polícia Militar, torcedores organizados chegam à Arena Pernambuco. Enfileiram-se e tiram o ingresso do bolso para passar pelas catracas. Entram no palco da partida e, quando começam a entoar gritos de ordem, se deparam com seguranças de rostos bem conhecidos: suas próprias mães. Foi o que aconteceu antes do clássico entre Sport e Náutico, neste domingo. A ação, inédita, logicamente pegou de surpresa os uniformizados.

A iniciativa foi idealizada por uma agência internacional como mais uma medida de combate à violência. Há uma semana, na primeira rodada do Campeonato Pernambucano, cenas lamentáveis foram registradas antes de Sport x Santa Cruz.

Cerca de 30 mães se dividiram nas seguranças do setor onde são instaladas normalmente as organizadas. Todas elas, na torcida do Sport. Cristyane dos Santos Almeida era uma delas. Mãe de Jonatas Santos da Silva, de 22 anos e membro da principal organizada do Sport.

- Acho que ele é da Torcida Jovem desde a primeira vez que foi para o campo. Não sei nem quem levou. Ele escondeu de mim durante um bom tempo que era da Torcida Jovem. Só me disse quando já estava maior de idade. Ele já se meteu em algumas fugindo de confusões... Por isso que eu acho válida esta ação.

(GOMES, Daniel. **Mães surpreendem torcedores uniformizados em clássico em PE (Adaptado)**.

Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/pe/futebol/campeonato-pernambucano/noticia/2015/02/maes-surpreendem-torcedores-uniformizados-em-classico-em-pe.html>>. Acesso em: 08 out. 2016.)

1. Acerca das estratégias e elementos coesivos do TEXTO 01, considere as afirmações abaixo.
  - I. A expressão “torcedores organizados” (1º parágrafo) mantém-se sem a necessidade do uso de pronomes pessoais do caso reto.
  - II. Há uma relação anafórica entre “seguranças de rostos bem conhecidos” e “suas próprias mães” (1º parágrafo).
  - III. As expressões “a ação” (1º parágrafo) e “a iniciativa” (2º parágrafo) relacionam-se ao mesmo referente.
  - IV. O pronome relativo “onde” (3º parágrafo) foi utilizado adequadamente, pois refere-se à palavra “setor”, que constitui lugar.
  - V. O pronome demonstrativo “isso”, presente na última frase do TEXTO 01, se relaciona à presença das mães dos torcedores nos estádios disfarçadas de seguranças.

Estão CORRETAS, apenas, as assertivas

- a) I, II e V.
- b) I, III e V.
- c) I, III e IV.
- d) II, III e IV.
- e) II, IV e V.

**Leia o TEXTO 02 para responder às questões 2, 3 e 4.**

## **TEXTO 02**

### **FAZER CONTAS DE CABEÇA É BOM PARA O SEU EMOCIONAL**

Você já deve ter ouvido a expressão "frio e calculista" sendo usada para descrever alguém que não demonstra nenhuma emoção. Mas um novo estudo da Universidade Duke, nos Estados Unidos, mostra que a inteligência emocional e a habilidade de fazer contas mentais são mais conectadas do que imaginávamos.

Para a neurociência, o exercício cerebral de fazer cálculos matemáticos era chamado de "controle executivo frio", porque era totalmente desassociado das emoções. Agora, pesquisadores encontraram as primeiras evidências de que, pelo menos no cérebro, esse processo é mais "quente" do que a gente imaginava.

Eles recrutaram 186 estudantes universitários, que passaram por ressonâncias magnéticas enquanto resolviam, de cabeça, alguns problemas da matemática. Cálculos como esse ativam a memória e estimulam uma área do cérebro chamada de córtex pré-frontal dorsolateral. Além disso, os participantes precisavam contar como lidaram com seus problemas mais recentes como "bombar" em uma matéria na faculdade - e como estava sua saúde mental.

Quando analisaram os resultados, os cientistas perceberam que os participantes que tinham o córtex pré-frontal dorsolateral mais ativos também usavam uma estratégia muito inteligente para controlar suas emoções. De acordo com os relatos dos estudantes que tinham o cérebro mais estimulado pelas contas matemáticas, quando eles tinham problemas como repetir uma matéria na faculdade, a estratégia que usavam era muito parecida com o que psicólogos cognitivo-comportamentais chamam de reavaliação cognitiva.

Funciona assim: ao invés de focar na sensação negativa que aquele problema causa, a pessoa tenta analisar e processar o problema, adaptando as emoções associadas a esse acontecimento e tornando-as mais positivas (e aí, à nota baixa acrescenta-se a motivação e o desafio da superação, por exemplo). Quem usava esse tipo de regulação emocional também apresentou níveis mais baixos de ansiedade e depressão.

Segundo o artigo, a gestão das emoções depende de três fatores: construir expectativas, ser capaz de enxergar uma série de explicações alternativas e fazer análises racionais antes de sair fazendo julgamentos - habilidades necessárias também nas contas matemáticas. "Nossa pesquisa mostra a primeira evidência direta de que nossa habilidade de regular emoções como medo ou raiva reflete a capacidade do cérebro de fazer cálculos numéricos mentalmente", falou Matthew Scult, autor do estudo.

Só que o estudo tem a famosa limitação das correlações: não dá para saber que fator causou o outro. Ou seja: pode ser que pessoas que já têm uma melhor regulação emocional sejam melhores em fazer cálculos matemáticos mentais. A solução que os pesquisadores querem adotar é acompanhar crianças até a vida adulta e ver qual das habilidades se apresenta primeiro.

(LEONARDI, Ana Carolina. **Fazer contas de cabeça é bom para o seu emocional (Adaptado)**. Revista Superinteressante. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/comportamento/fazer-contas-de-cabeca-e-bom-para-o-seu-emocional>>. Acesso: 12 out. 2016.)

2. A correspondência harmoniosa entre palavras de uma frase caracteriza concordância. A esse respeito, analise as afirmações a seguir.
  - I. Em "porque **era** totalmente **desassociado** das emoções" (2º parágrafo), se os vocábulos destacados fossem colocados no plural concordariam com "cálculos matemáticos", desse modo, a correção gramatical e o sentido do trecho seriam mantidos.

- II. Em “os participantes [...] também **usavam** uma estratégia muito inteligente para **controlar** suas emoções” (4º parágrafo), os termos destacados têm o mesmo referente, por isso, ambos deveriam ter sido grafados no plural.
- III. Em “a estratégia que usavam era muito parecida com **o** que psicólogos cognitivo-comportamentais chamam” (4º parágrafo), se o termo destacado fosse trocado por “a”, embora mudasse o referente, a correção gramatical do trecho seria mantida.
- IV. No trecho “adaptando as emoções associadas a esse acontecimento e **tornando-as** mais **positivas**” (5º parágrafo), a variação em gênero e número das palavras destacadas mudaria o termo ao qual se referem.
- V. Em “**a gestão** das emoções depende de três fatores” (6º parágrafo), os termos destacados poderiam ser pluralizados para concordarem com “emoções” sem que houvesse alteração de sentido do trecho.

Estão CORRETAS, apenas, as proposições

- a) I e III.
- b) III e IV.
- c) IV e V.
- d) II e V.
- e) I e II.

3. A respeito do emprego da pontuação no TEXTO 02, analise as proposições a seguir.

- I. No trecho “Funciona assim: ao invés de focar na sensação negativa que aquele problema causa” (5º parágrafo), os dois-pontos indicam a citação da fala de um dos cientistas, o qual comenta as características que explicam o funcionamento do cérebro.
- II. Em “a gestão das emoções depende de três fatores: construir expectativas, ser capaz de enxergar uma série de explicações alternativas e fazer análises racionais” (6º parágrafo), os dois-pontos anunciam uma enumeração.
- III. Em “antes de sair fazendo julgamentos - habilidades necessárias **também** nas contas matemáticas” (6º parágrafo), o termo em destaque poderia estar entre vírgulas sem que houvesse alteração de sentido do trecho.
- IV. No trecho “Eles recrutaram 186 estudantes universitários, que passaram por ressonâncias magnéticas” (3º parágrafo), a vírgula, por ser um recurso discursivo que caracteriza os estudantes, torna-se facultativa.
- V. Em “Ou seja: pode ser que pessoas que já têm uma melhor regulação emocional sejam melhores em fazer cálculos matemáticos mentais”, os dois-pontos poderiam ser substituídos por uma vírgula, e isso não alteraria o sentido do trecho.

Estão CORRETAS, apenas, as proposições

- a) I, III e IV.
- b) II, III e IV.
- c) I, II e V.
- d) II, III e V.
- e) I, IV e V.

4. A coesão textual pode ser entendida como o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes no texto encontram-se interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos. A esse respeito, analise as afirmativas a seguir.

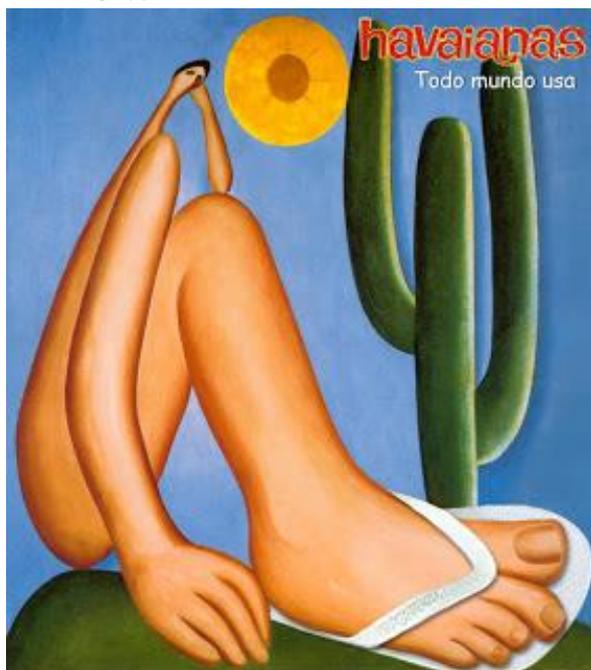
- I. Em “Agora, pesquisadores encontraram as primeiras evidências” (2º parágrafo), o advérbio funciona como um articulador de discurso e indica uma sequência temporal iniciada no período anterior, o qual sugere uma constatação antecedente a que é tratada no texto.
- II. No trecho “**eles** tinham problemas como repetir uma matéria na faculdade” (4º parágrafo), o vocábulo em destaque refere-se, anaforicamente, a “cientistas”, termo que, embora esteja no período anterior, é retomado pelo uso do pronome.
- III. Em “**Eles** recrutaram 186 estudantes universitários” (3º parágrafo), e “**eles** tinham problemas como repetir uma matéria” (4º parágrafo), os pronomes pessoais em destaque possuem o mesmo referente.
- IV. Em “adaptando as emoções associadas a **esse** acontecimento e tornando-**as** mais positivas” (5º parágrafo) os pronomes destacados constituem elementos coesivos e referem-se, respectivamente, a “problema” e “emoções”.
- V. No trecho “usavam uma estratégia muito inteligente para controlar **suas** emoções” (4º parágrafo), o termo em destaque refere-se, cataforicamente, aos “participantes que tinham o córtex pré-frontal dorsolateral mais ativos”.

Estão CORRETAS, apenas, as afirmações constantes nos itens

- a) I e IV.
- b) I e III.
- c) II e V.
- d) II e III.
- e) IV e V.

Leia o TEXTO 03 para responder à questão 5.

### TEXTO 03



Disponível em: <<http://pehdechineloblogspot.com.br/2012/06/havaianas-qual-sua.html>>. Acesso em: 11 out. 2016.

5. O TEXTO 03 é uma peça publicitária que estabelece um interessante diálogo com a obra modernista Abaporu, de Tarcila do Amaral. A principal estratégia argumentativa do texto é
- o pastiche, pois, na peça publicitária, há uma imitação rude do texto fonte, mas as relações intencionais de ambos os textos são as mesmas: consumo da arte ou consumo de um produto.
  - a paráfrase direta, com a réplica do texto fonte e adaptações para estimular o consumo do produto anunciado por um grupo específico de consumidores: os nordestinos.
  - a paródia, pois se estabelece uma relação antagônica entre a peça publicitária e o texto fonte, mas a intenção dos dois se mantém, ou seja, a venda do produto anunciado.
  - a intertextualidade com forte referência ao texto fonte, por meio da qual se pode inferir que todo mundo, até um personagem de uma obra de arte, usa o produto anunciado.
  - a alusão, uma vez que a referência ao texto fonte se faz de modo implícito, estabelecendo uma comparação entre a obra de arte e a peça publicitária no intuito de estimular não só o consumo do produto anunciado, mas também da arte.

**Leia o TEXTO 04 para responder à questão 6.**

#### TEXTO 04



Disponível em: <<http://proflilanzsche.blogspot.com.br/2012/07/reforma-ortografica.html>>. Acesso em: 12 out. 2016.

6. O TEXTO 04 refere-se a uma das novas regras de acentuação instituída a partir do último acordo ortográfico que se tornou obrigatório no Brasil a partir de 01 de janeiro de 2016. A respeito dessa regra, marque a única alternativa CORRETA.
- Heroico, plateia, ideia e mocreia perderam o acento assim como todas as paroxítonas que possuem forma arrizotônica.
  - Assim como heroico, o ditongo aberto da palavra heroi também não recebe mais acento agudo.
  - Apesar de Coréia também possuir o ditongo aberto “ei” – assim como ideia, mocreia e plateia – não deve perder o acento porque é nome próprio, não podendo ser alterado por acordos ortográficos.
  - As proparoxítonas continuam sendo acentuadas com exceção de palavras formadas por ditongo aberto, tais como heroico, plateia, ideia e mocreia.
  - Em heroico, plateia, ideia e mocreia deixam de ser acentuados os ditongos abertos, pois essas palavras são paroxítonas.

**Leia o TEXTO 05 para responder à questão 7.**

**TEXTO 05**  
**RECEITA**

Tome-se um poeta não cansado,  
Uma nuvem de sonho e uma flor,  
Três gotas de tristeza, um tom dourado,  
Uma veia sangrando de pavor.  
Quando a massa já ferve e se retorce  
Deita-se a luz dum corpo de mulher,  
Duma pitada de morte se reforce,  
Que um amor de poeta assim requer.

(SARAMAGO, José. **Receita**. Disponível em: [http://www.avozdapoesia.com.br/obras\\_ler.php?obra\\_id=7542](http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=7542). Acesso: 04 out. 2016.)

7. A leitura do TEXTO 05 nos permite constatar que
- a) sua argumentação defende que a dor e o sofrimento são fontes de inspiração.
  - b) a predominância da tipologia injuntiva descaracteriza a receita sugerida por ele.
  - c) ele é pragmático e instrui o leitor sobre o modo como se deve fazer um poema.
  - d) a criação poética é descrita nele como semelhante à preparação de uma massa.
  - e) apesar de se assemelhar a uma receita, ele não culmina em algo objetivo.

**Leia o TEXTO 06 para responder à questão 8.**

**TEXTO 06**  
**BOB DYLAN VENCE NOBEL DE LITERATURA**

O prêmio Nobel de Literatura 2016 foi atribuído a Bob Dylan, por ele ter criado novas formas de expressão poética no quadro da grande tradição da música americana, anunciou hoje (13) a Academia Sueca. Bob Dylan é o nome artístico de Robert Allen Zimmerman, nascido em 24 de maio de 1941 - compositor, cantor, pintor, ator e escritor norte-americano.

Nascido no estado de Minnesota, neto de imigrantes judeus russos, aos 10 anos Dylan escreveu seus primeiros poemas e, ainda adolescente, aprendeu piano e guitarra sozinho. Começou cantando em grupos de *rock*, imitando *Little Richard* e *Buddy Holly*, mas quando foi para a Universidade de Minnesota em 1959, voltou-se para *folk music*, impressionado com a obra musical do lendário cantor *folk* Woody Guthrie, a quem foi visitar em Nova York em 1961.

Em 2004, foi eleito pela revista *Rolling Stone* o sétimo maior cantor de todos os tempos e, pela mesma revista, o segundo melhor artista da música de todos os tempos, ficando atrás somente dos Beatles. Uma de suas principais canções, *Like a Rolling Stone*, foi escolhida como uma das melhores de todos os tempos.

Em 2012 Dylan foi condecorado com a Medalha da Liberdade pelo presidente dos Estados Unidos Barack Obama.

Autor não informado. **Bob Dylan vence Nobel de Literatura** (Adaptado). NE 10 – Portal do Sistema Jornal do Comercio de Comunicação. Disponível em: <http://entretenimento.ne10.uol.com.br/literatura/noticia/2016/10/13/bob-dylan-vence-nobel-de-literatura-642412.php>. Acesso: 15 out. 2016.

8. A utilização de pronomes e advérbios pode contribuir para a coesão textual. Sobre esse assunto, assinale a alternativa que analisa corretamente o processo coesivo em questão.
- a) Em “por **ele** ter criado novas formas de expressão poética” (1º parágrafo), o pronome pessoal destacado possibilita a coesão por elipse, uma vez que o nome do cantor é omitido, isto é, fica elíptico.
  - b) No trecho “Uma de **suas** principais canções” (3º parágrafo), o pronome possessivo em destaque promove a coesão referencial, pois faz uma menção anafórica a um elemento citado anteriormente no texto.
  - c) No trecho “anunciou **hoje** (13) a Academia Sueca” (1º parágrafo), a utilização do advérbio promove a coesão circunstancial, uma vez que situa o interlocutor no tempo em que se deu o fato relatado.
  - d) Em “aos 10 anos Dylan escreveu **seus** primeiros poemas” (2º parágrafo), a coesão foi estabelecida pelo pronome por causa da ênfase que se quis dar à determinada informação, priorizando a posse que ele tinha dos poemas, em vez de sua idade.
  - e) No trecho “quando foi para a Universidade de Minnesota em 1959, voltou-**se** para *folk music*” (2º parágrafo), a coesão por substituição é possibilitada pela partícula destacada, um pronome pessoal do caso oblíquo.

Leia o TEXTO 07 para responder à questão 9.

#### TEXTO 07



Disponível em: <<http://conhecimentopratico.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/25/artigo185979-5.asp>>. Acesso em: 14 out. 2016.

9. No TEXTO 07, a construção do efeito de humor se baseia
- a) na disputa de poder pelo domínio do discurso, o qual materializa ideologias próprias de cada personagem feminino.
  - b) na relação superioridade *versus* inferioridade concretizada pelo diálogo entre as duas meninas.
  - c) na crítica irônica ao discurso engajado de Mafalda, que apresenta um duplo sentido característico dos textos de humor.
  - d) na quebra de expectativa estabelecida no último quadro, pois Suzanita lutou pelo direito de falar, mas seu comentário foi fútil.
  - e) no comentário de Mafalda (primeiro quadro) chamando a pergunta de Suzanita de estúpida, crítica direta ao discurso individualista e elitizado.

**Leia o TEXTO 08 para responder à questão 10.**

**TEXTO 08**  
**UMA ESPERANÇA**

Aqui em casa pousou uma esperança. Não a clássica, que tantas vezes verifica-se ser ilusória, embora mesmo assim nos sustente sempre. Mas a outra, bem concreta e verde: o inseto.

Houve um grito abafado de um de meus filhos:

- Uma esperança! E na parede, bem em cima de sua cadeira!

Emoção dele também que unia em uma só as duas esperanças, já tem idade para isso. Antes surpresa minha: esperança é coisa secreta e costuma pousar diretamente em mim, sem ninguém saber, e não acima de minha cabeça numa parede. Pequeno rebuliço: mas era indubitável, lá estava ela, e mais magra e verde não poderia ser.

[...]

(LISPECTOR, Clarice. Uma esperança (trecho). In: **Felicidade Clandestina** (contos). Rio de Janeiro: Rocco, 2009.)

10. Analise as proposições e assinale a alternativa em que os termos destacados estabelecem a correta relação sintático-semântica entre as orações e preservam o que foi dito no TEXTO 08.
- I. A esperança não deveria ter pousado e pousou. – Adição.
  - II. A emoção do meu filho foi grande, mesmo que tenha unido as duas esperanças. – Conformidade.
  - III. Se bem que a esperança clássica verifique-se ser ilusória, nos sustenta sempre. – Concessão.
  - IV. O inseto é tão concreto e verde que se diferencia da esperança clássica. – Comparação.
  - V. Consoante era indubitável, a esperança causou um pequeno rebuliço. – Conformidade.

Estão CORRETAS, apenas, as proposições

- a) I e IV.
- b) III e V.
- c) I, II e IV.
- d) II, III e IV.
- e) I, III e V.

**CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS**

**Leia o TEXTO 09 para responder às questões de 11 a 13.**

**TEXTO 09**  
**CUIDADO COM OS REVIZORES**

Todo escritor convive com um terror permanente: o do erro de revisão. O revisor é a pessoa mais importante na vida de quem escreve. Ele tem o poder de vida ou de morte profissional sobre o autor. A inclusão ou omissão de uma letra ou vírgula no que sai impresso pode decidir se o autor vai ser entendido ou não, admirado ou ridicularizado, consagrado ou processado. Todo texto tem, na verdade, dois autores: quem o escreveu e quem o revisou. Toda

vez que manda um texto para ser publicado, o autor se coloca nas mãos do revisor, esperando que seu parceiro não falhe. Não há escritor que não empregue palavras como, por exemplo: “ônus” ou “carvalho” e depois fique metaforicamente de malas feitas, pronto para fugir do país se as palavras não saírem impressas como no original, por um lapso do revisor. Ou por sabotagem.

Sim, porque a paranoia autoral não tem limites. Muitos autores acreditam firmemente que existe uma conspiração de revisores contra eles. Quando os revisores não deixam passar erros de composição (hoje em dia, de digitação), fazem pior: não corrigem os erros ortográficos e gramaticais do próprio autor, deixando-o entregue às consequências dos seus próprios pecados de concordância, das suas crases indevidas e pronomes fora do lugar. O que é uma ignomínia. Ou será ignomia? Enfim, não se faz.

Pode-se imaginar o que uma conspiração organizada, internacional, de revisores significaria para a nossa civilização. Os revisores só não dominam o mundo porque ainda não se deram conta do poder que têm. Eles desestabilizariam qualquer regime com acentos indevidos e pontuações maliciosas, além de decretos oficiais ininteligíveis. Grandes jornais seriam levados à falência por difamações involuntárias, exércitos inteiros seriam imobilizados por manuais de instrução militar sutilmente alterados, gerações de estudantes seriam desencaminhadas por cartilhas ambíguas e fórmulas de química incompletas. E os efeitos de uma revisão subversiva na instrução médica são terríveis demais para contemplar.

Existe um exemplo histórico do que a revisão desatenta – ou mal-intencionada – pode fazer. Uma das edições da Versão Autorizada da Bíblia publicada na Inglaterra por iniciativa do rei James I, no século XVII, ficou conhecida como a “Bíblia Má”, porque a injunção “Não cometerás adultério” saiu, por um erro de impressão, sem o “não”. Ninguém sabe se o volume de adultérios entre os cristãos de fala inglesa aumentou em decorrência dessa inesperada sanção bíblica até descobrirem o erro, ou se o impressor e o revisor foram atirados numa fogueira juntos, mas o fato prova que nem a palavra de Deus está livre do poder dos revisores.

A mesma bíblia do rei James serve como um alerta (ou como o incentivo, dependendo de como se entender a história) para a possibilidade que o revisor tem de interferir no texto. O objetivo de James I era fazer uma versão definitiva da Bíblia em inglês, com aprovação real, para substituir todas as outras traduções da época, principalmente as que mostravam uma certa simpatia republicana nas entrelinhas como a Bíblia de Genebra, feita por calvinistas e adotada pelos puritanos ingleses, e que é a única Bíblia da História em que Adão e Eva vestem calções. Para isso, James reuniu um time dividido entre os que cuidariam do Velho e do Novo Testamento, das partes proféticas e das partes poéticas, etc. Especula-se que as traduções dos trechos poéticos teriam sido distribuídas entre os poetas praticantes da época, para revisarem e, se fosse o caso, melhorarem, desde que não traíssem o original. Entre os poetas em atividade na Inglaterra de James I estava William Shakespeare. O que explicaria o fato de o nome de Shakespeare aparecer no Salmo 46 – “shake” é a 46ª palavra do salmo a contar do começo, “spear” a 46ª a contar do fim. Na tarefa de revisor, e incerto sobre a sua permanência na História como sonetista ou dramaturgo, Shakespeare teria inserido seu nome clandestina e disfarçadamente numa obra que sem dúvida sobreviveria aos séculos. (Infelizmente, diz Anthony Burgess, em cujo livro *“A mouthful of air”* a encontrei, há pouca probabilidade de esta história ser verdadeira. De qualquer maneira, vale para ilustrar a tentação que todo revisor deve sentir de deixar sua marca, como grafite, na criação alheia.)

Não posso me queixar dos revisores. Fora a vontade de reuni-los em algum lugar, fechar a porta e dizer “Vamos resolver de uma vez por todas a questão da colocação das vírgulas, mesmo que haja mortos”, acho que me têm tratado bem. Até me protegem. Costumo atirar os pronomes numa frase e deixá-los ficar onde caíram, certo de que o revisor os colocará no lugar adequado. Sempre deixo a crase ao arbítrio deles, que a usem se acharem que devem. E jamais uso a palavra “medra”, para livrá-los da tentação.

11. Segundo a visão do autor do TEXTO 09, a relação entre o autor e o revisor

- a) nunca foi difícil, pois ambos sempre cumpriram suas funções sem atrapalhar o outro, sem gerar confusões.
- b) sempre foi conflituosa, já que o papel do revisor é, justamente, impedir o livre exercício da atividade do escritor.
- c) deve ser a melhor possível, pois o resultado final, a publicação, depende do entendimento entre ambos.
- d) é marcada pela desconfiança por parte dos revisores, que sempre pensam que os autores escrevem para prejudicá-los.
- e) é desnecessária, visto que qualquer texto pode e deve ser publicado sem que haja quaisquer tipos de revisão.

12. Para o autor do TEXTO 09, o poder dos revisores é imenso, pois

- a) seu trabalho é essencial para a qualidade, inclusive, literária dos textos, tendo em vista que aprimora as ideias do autor.
- b) sem eles, o autor nem começaria a escrever seus textos, já que depende do revisor para iniciá-los.
- c) de seu trabalho depende o resultado final do texto a ser publicado, tendo em vista que o autor sempre é incompetente na escrita.
- d) eles ganham os melhores salários na cadeia produtiva da publicação e sem eles não há romances, artigos etc.
- e) podem, por má fé ou distração, pôr a perder todo um trabalho, como no caso do rei James I, citado no texto.

13. Em “Toda vez que manda um texto para ser publicado, o autor se coloca nas mãos do revisor, esperando que seu parceiro não falhe. Não há escritor que não empregue palavras como, por exemplo: “ônus” ou “carvalho” e depois fique metaforicamente de malas feitas, pronto para fugir do país se as palavras não saírem impressas como no original, por um lapso do revisor. Ou por sabotagem.” (1º parágrafo), o “lapso” ou “sabotagem” do revisor se daria por

- a) coesão malfeita, oriunda de um problema de colocação pronominal.
- b) imprecisão vocabular, que redundaria em erro de concordância nominal.
- c) erro de regência verbal, implicando dificuldade na interpretação.
- d) uma confusão ortográfica, que provocaria modificação semântica no texto.
- e) utilização de palavras eruditas, dando um caráter demasiadamente culto ao texto.

**Leia o TEXTO 10 para responder às questões de 14 a 16.**

### **TEXTO 10**

#### **REVISÃO VAI ALÉM DA ORTOGRAFIA E FOCA OS PROPÓSITOS DO TEXTO**

O objetivo do aluno ao fazer a revisão de texto é conseguir que ele comunique bem suas ideias e se ajuste ao gênero. Isso tem de ser feito tanto durante a produção como ao fim dela.

Produzir textos é um processo que envolve diferentes etapas: planejar, escrever, revisar e reescrever. Esses comportamentos escritores são os conteúdos fundamentais da produção escrita. A revisão não consiste em corrigir apenas erros ortográficos e gramaticais, como se fazia antes, mas cuidar para que o texto cumpra sua finalidade comunicativa. “Deve-se olhar

para a produção dos estudantes e identificar o que provoca estranhamento no leitor dentro dos usos sociais que ela terá”, explica Fernanda Liberali, Doutora em linguística pela PUC/SP.

Com a ajuda do professor, as turmas aprendem a analisar se ideias e recursos utilizados foram eficazes e de que forma o material pode ser melhorado. A sala de 3º ano de Ana Clara Bin, na Escola da Vila, em São Paulo, avançou muito com um trabalho sistemático de revisão. Por um semestre, todos se dedicaram a um projeto sobre a história das famílias, que culminou na publicação de um livro, distribuído também para os pais. Dentro desse contexto, Ana Clara propôs a leitura de contos em que escritores narram histórias da própria infância.

Os estudantes se envolveram na reescrita de um dos contos, narrado em primeira pessoa. Eles tiveram de reescrevê-lo na perspectiva de um observador – ou seja, em terceira pessoa. A segunda missão foi ainda mais desafiadora: contar uma história da infância dos pais. Para isso, cada um entrevistou familiares, anotou as informações colhidas em forma de tópicos e colocou tudo no papel.

Ana Clara leu os trabalhos e elegeu alguns pontos para discutir. “O mais comum era encontrar só o relato de um fato”, diz. “Recorremos, então, aos contos lidos para saber que informações e detalhes tornavam a história interessante e como organizá-los para dar emoção.” Cada um releu seu conto, realizou outra entrevista com o parente-personagem e produziu uma segunda versão.

Tiveram início aí diferentes formas de revisão – análise coletiva de uma produção no quadro-negro, revisão individual com base em discussões com o grupo e revisões em duplas – realizadas dias depois para que houvesse distanciamento em relação ao trabalho. A primeira proposta foi a “revisão de ouvido”. Para realizá-la, Ana Clara leu em voz alta um dos contos para a turma, que identificou a omissão de palavras e informações. A professora selecionou alguns aspectos a focar na revisão: ortografia, gramática e pontuação. “Não é possível abordar de uma só vez todos os problemas que surgem”.

Quando a classe de Ana Clara se dividiu em duplas, um de seus propósitos era que uns dessem sugestões aos outros. A pesquisadora argentina em didática Mirta Castedo é defensora desse tipo de proposta. Para ela, as situações de revisão em grupo desenvolvem a reflexão sobre o que foi produzido por meio justamente da troca de opiniões e críticas. “Revisar o que os colegas fazem é interessante, pois o aluno se coloca no lugar de leitor”. “Quando volta para a própria produção e faz a revisão, a criança tem mais condições de criar distanciamento dela e enxergar fragilidades.”

Um escritor proficiente, no entanto, não faz a revisão só no fim do trabalho. Durante a escrita, é comum reler o trecho já produzido e verificar se ele está adequado aos objetivos e às ideias que tinha intenção de comunicar – só então planeja-se a continuação. E isso é feito por todo escritor profissional.

A revisão em processo e a final são passos fundamentais para conseguir de fato uma boa escrita. Nesse sentido, a maneira como você escreve e revisa no quadro-negro, por exemplo, pode colaborar para que a criança o tome como modelo e se familiarize com o procedimento. Sobre o assunto, Mirta Castedo escreve em sua tese de doutorado: “Os bons escritores adultos (...) são pessoas que pensam sobre o que vão escrever, colocam em palavras e voltam sobre o já produzido para julgar sua adequação. Mas, acima de tudo, não realizam as três ações (planejar, escrever e revisar) de maneira sucessiva: vão e voltam de umas a outras, desenvolvendo um complexo processo de transformação de seus conhecimentos em um texto”.

GURGEL, Thaís. Revista Nova Escola. *Escrever de verdade - produção de texto* Adaptado. Disponível em <http://acervo.novaescola.org.br/producao-de-texto/revisao-alem-ortografia.shtml> - Acesso em 25 de outubro de 2016

14. Considerando o gênero no qual foi escrito e o domínio discursivo ao qual pertence, devemos considerar o TEXTO 10 como

- a) um texto poético, lírico, com predomínio da função fática, pelo fato de expor emoções e sentimentos.
- b) um texto jornalístico, com predomínio da função referencial, posto que é uma reportagem sobre produção e revisão textual.
- c) um texto dissertativo-argumentativo, com predomínio da função emotiva, pelo conteúdo notadamente informativo.
- d) um texto técnico-científico, com predomínio da função conativa ou apelativa, marcado pelo uso de imperativos.
- e) um texto publicitário, com predomínio da função metalinguística, estruturado em torno da reiteração de ideias.

15. Quanto aos aspectos gramaticais ligados à pontuação, analise as proposições que seguem.

- I. No trecho “Com a ajuda do professor, as turmas aprendem a analisar se ideias e recursos utilizados foram eficazes e de que forma o material pode ser melhorado.”(3º parágrafo), o uso da vírgula não se justifica, pois está separando o sujeito do verbo.
- II. O travessão utilizado em “Eles tiveram de reescrevê-lo na perspectiva de um observador – ou seja, em terceira pessoa.” (4º parágrafo), poderia perfeitamente ser substituído por uma vírgula.
- III. Em “A segunda missão foi ainda mais desafiadora: contar uma história da infância dos pais.” (4º parágrafo),. O uso dos dois pontos não se justifica.
- IV. No trecho “Cada um releu seu conto, realizou outra entrevista com o parente-personagem e produziu uma segunda versão.” (5º parágrafo), a utilização da vírgula se justifica por organizar orações coordenadas.
- V. Em “Um escritor proficiente, no entanto, não faz a revisão só no fim do trabalho.” (8º parágrafo), as vírgulas estão corretamente postas, pois separam expressão deslocada de sua posição original.

Assinale a alternativa que apresenta as proposições CORRETAS.

- a) I, II e III.
- b) I, III e V.
- c) II, IV e V.
- d) II, III e IV.
- e) III, IV e V.

16. Releia “Por um semestre, todos se dedicaram a um projeto sobre a história das famílias, que culminou na publicação de um livro, distribuído também para os pais. **Dentro desse contexto**, Ana Clara propôs a leitura de contos em que escritores narram histórias da própria infância.” (3º parágrafo). No trecho em destaque, o termo em negrito retoma o projeto do semestre. Assinale o item que aponta, CORRETAMENTE, o elemento retomado pela expressão em negrito nos trechos que seguem.

- a) No trecho “Quando a classe de Ana Clara se dividiu em duplas, um de seus propósitos era que uns dessem sugestões aos outros. A pesquisadora argentina em didática Mirta Castedo é defensora **desse tipo de proposta**.” (7º parágrafo), o termo em negrito retoma a divisão da turma em duplas para revisão conjunta.
- b) No trecho “Deve-se olhar para a produção dos estudantes e identificar o que provoca estranhamento no leitor dentro dos usos sociais que **ela** terá” (2º parágrafo), o termo em negrito retoma a palavra OLHAR.

- c) No trecho “A primeira proposta foi a ‘revisão de ouvido’. Para realizá-la, Ana Clara leu em voz alta um dos contos para a turma, **que** identificou a omissão de palavras e informações.” (6º parágrafo) O termo em negrito retoma a expressão PRIMEIRA PROPOSTA.
- d) No trecho “Durante a escrita, é comum reler o trecho já produzido e verificar se ele está adequado aos objetivos e às ideias **que** tinha intenção de comunicar – só então planeja-se a continuação.” (8º parágrafo), o termo em negrito retoma ESCRITA.
- e) No trecho “Quando volta para a própria produção e faz a revisão, a criança tem mais condições de criar distanciamento **dela** e enxergar fragilidades.” (7º parágrafo), o termo em negrito retoma CRIANÇA.

**Leia os TEXTO 11 para responder às questões de 17 a 19.**

**TEXTO 11**  
**CATAR FEIJÃO**

1.

Catar feijão se limita com escrever:  
jogam-se os grãos na água do alguidar  
e as palavras na da folha de papel;  
e depois, joga-se fora o que boiar.  
Certo, toda palavra boiará no papel,  
água congelada, por chumbo seu verbo:  
pois para catar esse feijão, soprar nele,  
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:  
o de que entre os grãos pesados entre  
um grão qualquer, pedra ou indigesto,  
um grão imastigável, de quebrar dente.  
Certo não, quando ao catar palavras:  
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:  
obstrui a leitura fluviente, flutual,  
açula a atenção, isca-a com risco.

MELO NETO, João Cabral. **A educação pela pedra**: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996

17. Como ideia principal do TEXTO 11, podemos considerar que

- a) escrever é semelhante ao ato de catar feijão porque, em ambos, temos o alimento, sendo, o primeiro, da alma, e, o segundo, do corpo.
- b) o ato de escrever requer cuidado e reescritas, procurando a forma mais clara e objetiva de dizer o que se pretende, limpando o texto de excessos e permitindo, também, surpreender o leitor.
- c) o autor, João Cabral de Melo Neto, usa da escrita para lembrar momentos importantes de sua infância, como o ato de catar feijão feito por sua mãe.
- d) escrever é um ato de emoção, promovido pelo impulso da escrita, resultando em um texto pleno de artifícios subjetivos.
- e) o escritor não deve se preocupar com aspectos constitutivos do texto, pois cabe ao leitor procurar entender as intenções do autor.

18. O TEXTO 11 é um poema e, como tal, guarda diferenças em relação a textos em prosa. No processo de revisão, diante do texto poético, há que se atentar para tais especificidades. Com relação a isso, assinale o item que apresenta uma das principais diferenças entre o texto em verso e o texto em prosa.
- a) No texto em verso, a translineação pertence ao autor, enquanto, na prosa, é uma exigência gramatical e espacial.
  - b) O texto em prosa não permite a ocorrência de figuras de linguagem ou recursos estilísticos inovadores.
  - c) O texto em verso não pode ser narrativo ou descritivo, tendo em vista seu caráter essencialmente conotativo.
  - d) O texto em verso rechaça a utilização denotativa das palavras e não permite o trabalho argumentativo.
  - e) O texto em prosa mantém, obrigatoriamente, a linguagem em seu nível denotativo, em prol da objetividade e clareza.
19. Os pronomes estabelecem papel importante de retomada e substituição de termos nos textos. Assinale o item em que temos o termo sublinhado exercendo função de pronome.
- a) “a<sup>ç</sup>ula a atenção, isca-a com risco.”
  - b) “certo, toda palavra boiará no papel.”
  - c) “a pedra dá à frase seu grão mais vivo,”
  - d) “obstrui a leitura fluviente, flutual,”
  - e) “e depois, joga-se fora o que boiar.”

**Leia o TEXTO 12 para responder às questões de 20 a 23.**

## **TEXTO 12**

### **QUESTÃO SEMÂNTICA?**

Quando polemistas dizem que uma questão é “semântica”, querem dizer que ela é secundária. Pensam que há uma ‘coisa’ no mundo e que é ela que interessa. Os nomes que a designam seriam ou irrelevantes ou estariam errados. Políticos e economistas são os militantes que mais caem nessa armadilha.

Qualquer interessado por questões como a relação entre língua, cultura, linguagem e ideologia, e – o que pode surpreender – pela linguagem científica, logo percebe que a questão semântica é fundamental.

Não há como ter acesso às coisas a não ser por meio das palavras. É por essa razão que cientistas são grandes usuários de metáforas para designar ou explicar ‘fatos’ (é uma forma de ‘aproximá-los’ do conhecimento anterior ou mesmo do senso comum).

Os fatos precisam de uma linguagem para ser expressos. E a linguagem pode enganar. Para fugir a esse problema, muitos cientistas ‘matematizam’ seus textos, por considerar que assim evitam o problema, ou que o superam.

Em certos casos, como a geometria, isso parece funcionar. Mas nas ciências humanas o truque não funciona. Ou funciona à custa do esquecimento do principal problema: a crença de cada teoria de que é ela que diz a realidade, o que, curiosamente, a transforma em ideologia no sentido mais comum da palavra.

Daí por que, de vez em quando, estudiosos, ensaístas, articulistas etc. tentam definir de novo velhas palavras, que, eles acham, perderam o rumo. Vejamos um exemplo.

No dia 06/06/2014 (*Folha de S. Paulo, caderno ‘Mundo’*), Marcos Troyjo apresentou sua avaliação das palavras ‘conservador’ e ‘progressista’. Elencou algumas variações e exemplos.

Essas palavras já opuseram monarquistas a constitucionalistas, escravocratas a burgueses liberais, disse ele, acrescentando que os conceitos se embaralharam ao longo do tempo. Desfez-se a oposição entre manter privilégios econômicos e rearrumar as “camadas tectônicas” do *status quo* – são outras de suas palavras.

Atualmente, acrescenta, a dualidade reaparece na retórica “progressista”; sua “arenga” combate injustiças sociais (fruto do conservadorismo, explico ao leitor) e forças da globalização (nada progressistas; idem). É uma avaliação que ele defenderia como objetiva.

Mas o emprego do termo negativo ‘arenga’ para referir-se à retórica progressista (isto é, que os outros consideram progressista) denuncia a posição ideológica de Troyjo. Ele não qualificaria como ‘arenga’ um discurso contrário ao regime político chinês ou cubano ou venezuelano.

Vejamos um pouco mais de perto a palavra ‘conservador’, consultando um dicionário. Bons dicionários não só registram mais palavras, como também mais sentidos para cada palavra – o que, em geral, derruba as teses dos que defendem UM sentido para elas.

É comum que dicionários apresentem como primeiras definições os sentidos mais antigos ou mais literais. Um exemplo é a primeira definição de ‘conservador’ fornecida pelo dicionário *Houaiss*: o que conserva (ver abaixo).

Como o leitor pode não ser um frequentador de dicionários (além de, eventualmente, pensar que cada palavra tem ou deveria ter só um sentido), transcrevo a totalidade do verbete em questão do *Houaiss* e comento alguns aspectos que me parecem os mais relevantes.

Para Troyjo, de certa forma, a melhor definição de ‘conservador’ é a literal, ou alguma bem próxima (que conserva). Por isso, diz que conservadores adotam posições diferentes conforme seja diferente a situação que defendem.

Vamos ao verbete ‘conservador’. A definição geral é literal, como se pode ver (sempre que ocorrer c., leia-se ‘conservador’): o que conserva.

1 o que preserva de alteração, deterioração ou extinção.

1.1 Rubrica: química. substância química adicionada a produtos alimentícios para prevenir oxidação, fermentação ou outra deterioração usual, inibindo a proliferação de bactérias; conservante.

2 aquele que defende ideias, valores e costumes ultrapassados e/ou que é contrário a qualquer alteração da situação que se atravessa, do que é tradicional ou da ordem estabelecida. Ex.: é um c. em moda.

2.1 (1890) Aquele que defende a manutenção do *status quo* político-social Ex.: um c. fascista

2.2 Uso: pejorativo. Aquele que propugna pelo autoritarismo e é favorável à tradição, seja monárquica, eclesiástica ou liberalista nas suas formas burguesa e oligárquica, demonstrando hostilidade a inovações na moral e nas instituições Ex.: um c. empedernido

2.3 Uso: pejorativo. Membro de partido político conservador ou que apoia a filosofia política de tais partidos.

2.3.1 membro ou apoiante do Partido Conservador inglês.

3 Derivação: por extensão de sentido. Uso: pejorativo. O que é moderado, discreto, cauteloso.

4 Uso: pejorativo. Quem é tradicional em questões de gosto, elegância, estilo ou maneiras Ex.: ele é um c. no ramo da alta-costura.

5 funcionário superior encarregado da guarda, administração e conservação de bens, monumentos e objetos pertencentes a instituições, públicas ou privadas, ou ao Estado, como museus, bibliotecas etc. (Obs.: ver uso a seguir) Ex.: contrataram um novo c. para o museu.

6 funcionário público encarregado do registro de compras, vendas e hipotecas de imóveis Ex.: os c. do registro civil.

7 Rubrica: termo jurídico. Diacronismo: antigo. juiz que administrava a justiça de uma corporação e fazia a guarda dos seus privilégios **adjetivo**

8 que conserva a Ex.: <as virtudes c. do formol> <instinto c.> <princípio c.>

9 caracterizado pela moderação ou prudência a Ex.: <um traje c.> <uma estimativa c.>

- 10 cujas ideias, valores e costumes são ultrapassados e/ou que é contrário a qualquer alteração do que é tradicional ou da ordem estabelecida a Ex.: <espírito c.> <um político c.>
- 11 Rubrica: linguística. Diz-se de língua ou dialeto que sofreu menos mudanças, relativamente a outros provindos da mesma língua-mãe.

### **Perspectiva ideológica**

Como se vê, há acepções para quase todos os gostos. Destaco algumas, até porque podem parecer contraditórias. O sentido 2.1 não é necessariamente uma espécie do ‘gênero’ sentido 2, como a enumeração dá a entender, porque os sentidos de 2 e de 2.1 são bastante diferentes: uma coisa é defender ideias ultrapassadas (quem as definiria assim?), outra é defender o *status quo* (definição próxima da de Troyjo).

Comparem-se essas acepções com 2.2: nenhuma daquelas têm a ver com defesa do autoritarismo. Alguém pode defender o *status quo* de forma democrática e tolerante.

A acepção 10 dá conta de muitos empregos da palavra. É talvez a definição mais abrangente (não importando tanto se é adjetivo ou substantivo). Ela pode valer para questões políticas e também, por exemplo, para a moda (um conservador pode ser contra saias curtas), para direitos iguais para grupos ou pessoas diferentes (cotas na universidade, união civil de homossexuais, acessibilidade especial para portadores de necessidades especiais, por exemplo) ou mesmo para greves ou manifestações de rua.

Veja-se, por curiosa, talvez, a acepção 3: conservador não dá bandeira, é discreto, moderado, cauteloso (não usa óculos coloridos e bermudas floridas).

Voltando à coluna de Troyjo: ele defendeu (legitimamente) um dicionário próprio, ou melhor, de interesse de uma perspectiva ideológica.

Todas as ideologias fazem o mesmo, é claro. O que é fácil de ver, mas difícil de reconhecer. Cada locutor acredita que sua ideologia não é ideologia e que, portanto, suas palavras vão diretamente para as coisas.

O caso comentado é só um entre milhares. Quem é ‘terrorista’? Quem é ‘bandido’ e quem é ‘jovem desajustado’? É uma ‘invasão’ ou uma ‘ocupação’? Foram ‘passeatas’ ou ‘manifestações’? Cogita-se ‘regulação da mídia’ ou ‘censura’? Cada grupo tem que pensar que é ele que se refere verdadeiramente às coisas.

POSSENTI, Sírio. Questão semântica? Observatório da Imprensa. Disponível em [http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/\\_ed833](http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed833) Acesso em 23 out 2016.

20. Acerca do TEXTO 12, podemos afirmar que

- a) há apenas um caráter dissertativo, sem enveredar pela argumentação ou pela tentativa de convencimento do leitor.
- b) apresenta um caráter predominantemente narrativo, com fortes marcas descritivas e ausência de argumentação.
- c) o autor não se serve de citações e nem de dados para desenvolver sua tese, tendo em vista o caráter jornalístico do texto.
- d) trata-se de um texto dissertativo-argumentativo, que dialoga com outro texto de mesmo tipo, criticando-o.
- e) a temática escolhida não guarda quaisquer relações com política, tendo a única intenção de explicitar conceitos gramaticais.

21. Semântica é a parte da Gramática que estuda o significado, o sentido das palavras nos textos. Sobre a abordagem do TEXTO 12 em torno da Semântica, assinale o item CORRETO.
- a) O TEXTO 12 apresenta a Semântica como algo que não contribui para identificação de ideologias.
  - b) O TEXTO 12 restringe a discussão sobre Semântica à abordagem gramatical, buscando os sentidos verdadeiros.
  - c) O TEXTO 12 discute a Semântica como sendo elemento primordial para compreensão de textos e discursos.
  - d) O TEXTO 12 elenca diversos aspectos ligados à Semântica, dentre os quais, a uniformidade que marca o uso das palavras.
  - e) O TEXTO 12 não se preocupa em discutir as várias possibilidades semânticas de utilização de palavras.
22. Em “O caso comentado é só um entre milhares. Quem é ‘terrorista’? Quem é ‘bandido’ e quem é ‘jovem desajustado’? É uma ‘invasão’ ou uma ‘ocupação’? Foram ‘passeatas’ ou ‘manifestações’? Cogita-se ‘regulação da mídia’ ou ‘censura’? Cada grupo tem que pensar que é ele que se refere verdadeiramente às coisas.” (último parágrafo do TEXTO 12), temos a exemplificação de que
- a) o tema desenvolvido pelo autor do TEXTO 12 é de pouca relevância, já que as palavras devem manter seus significados originais.
  - b) existe, sim, uma designação semântica única das palavras, o que orienta a escolha de termos para os textos.
  - c) devemos ter cuidado ao escolher as palavras para colocar nos textos, pois elas costumam ter apenas uma acepção.
  - d) grupos sociais diversos usam as palavras sem levar em consideração seus posicionamentos ideológicos ou políticos.
  - e) a escolha de determinadas palavras em detrimento de outras pode indicar uma opinião subliminar, por variações semânticas.
23. Para o trabalho do revisor, as ideias expostas no TEXTO 12 são importantes porque
- a) não deixam que ele cometa erros semânticos a partir de impropriedades ortográficas e fonéticas.
  - b) alertam para a importância de saber a relatividade dos significados das palavras, a depender do contexto de utilização.
  - c) expõem o cuidado que ele deverá ter para sempre retomar as palavras usadas pelo autor do texto a revisar, para manter seu significado original.
  - d) lembram que todos os textos devem ser escritos seguindo padrões gramaticais rígidos e organizados.
  - e) propõem uma visão mais aberta em relação aos “erros” gramaticais, em todos os níveis, mas, principalmente, semânticos.

Leia o TEXTO 13 para responder às questões de 24 a 27.

### TEXTO 13

#### OS INSTITUTOS FEDERAIS:

#### UMA REVOLUÇÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

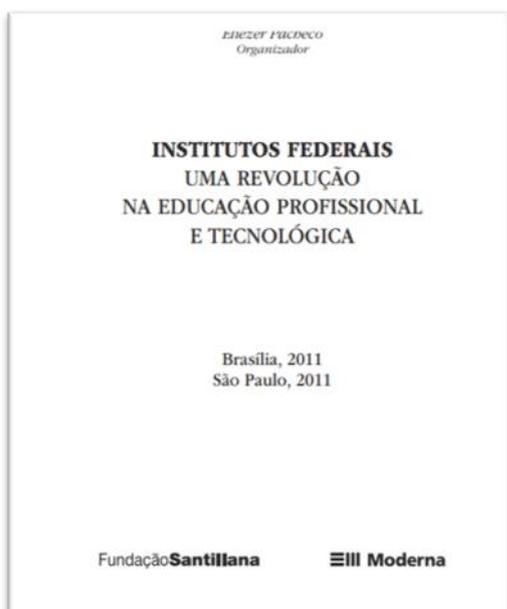
1	O Governo Federal, através do Ministério da Educação (MEC), acaba de criar um
2	modelo institucional absolutamente inovador em termos de proposta político-pedagógica:
3	os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Estas instituições têm suas
4	bases em um conceito de educação profissional e tecnológica sem similar em nenhum
5	outro país. São 38 institutos, com 314 campi espalhados por todo o país, além de várias
6	unidades avançadas, atuando em cursos técnicos (50% das vagas), em sua maioria na
7	forma integrada com o ensino médio, licenciaturas (20% das vagas) e graduações
8	tecnológicas, podendo ainda disponibilizar especializações, mestrados profissionais e
9	doutorados voltados principalmente para a pesquisa aplicada de inovação tecnológica.
10	[...] A estrutura multicampi e a clara definição do território de abrangência das ações dos
11	Institutos Federais afirmam, na missão destas instituições, o compromisso de intervenção
12	em suas respectivas regiões, identificando problemas e criando soluções técnicas e
13	tecnológicas para o desenvolvimento sustentável com inclusão social. Na busca de
14	sintonia com as potencialidades de desenvolvimento regional, os cursos nas novas
15	unidades deverão ser definidos através de audiências públicas e de escuta às
16	representações da sociedade.
17	Na necessária articulação com outras políticas sociais, os Institutos Federais
18	devem buscar a constituição de Observatórios de Políticas Públicas, tornando-as objetos
19	de sua intervenção através das ações de ensino, pesquisa e extensão articulada com as
20	forças sociais da região. É neste sentido que os Institutos Federais constituem um espaço
21	fundamental na construção dos caminhos com vista ao desenvolvimento local e regional.
22	Para tanto, devem ir além da compreensão da educação profissional e tecnológica como
23	mera instrumentalizadora de pessoas para ocupações determinadas por um mercado.
24	Na proposta dos Institutos Federais, agregar à formação acadêmica a preparação
25	para o trabalho (compreendendo-o em seu sentido histórico, mas sem deixar de firmar o
26	seu sentido ontológico) e discutir os princípios das tecnologias a ele concernentes dão luz
27	a elementos essenciais para a definição de um propósito específico para a estrutura
28	curricular da educação profissional e tecnológica. O que se propõem é uma formação
29	contextualizada, banhada de conhecimentos, princípios e valores que potencializam a
30	ação humana na busca de caminhos mais dignos de vida. [...]
31	Inicia-se a construção de uma instituição inovadora, ousada, com um futuro em
32	aberto e, articulando-se com as redes públicas de educação básica, capaz de ser um centro
33	irradiador de boas práticas. Os centros federais de educação tecnológica (CEFET's), as
34	escolas agrotécnicas federais e as escolas técnicas vinculadas às universidades que
35	aceitaram o desafio desaparecem enquanto tal para se transformarem nos campi
36	espalhados por todo o país, fiadores de um ensino público, gratuito, democrático e de
37	excelência. Com os Institutos Federais iniciamos uma nova fase, abandonando o hábito
38	de reproduzir modelos externos e ousando a inovar a partir de nossas próprias
39	características, experiências e necessidades.
	(PACHECO, Eliezer. <b>Os Institutos Federais</b> : uma revolução na educação profissional e tecnológica (Trecho). Brasília: MEC/SETEC. 2010. Disponível em: < <a href="http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/insti_evolucao.pdf">http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/insti_evolucao.pdf</a> >. Acesso em 16/10/2016)

24. O autor do TEXTO 13 apresenta uma visão panorâmica dos Institutos Federais, defendendo que
- as unidades avançadas, fora das capitais, têm como objetivo diminuir o déficit de vagas no ensino médio por todo o país.
  - a modalidade Ensino Técnico foi primeiramente concebida no Brasil e sua implementação através dos Institutos Federais é superior às similares de outros países.
  - a vocação dos Institutos de atender às demandas locais está marcada na difusão das unidades pelo país e na escolha conjunta dos cursos oferecidos.
  - os Institutos Federais se caracterizam como escolas técnicas vinculadas às Universidades Federais, o que os habilita para oferecer cursos de licenciatura, graduação tecnológica e pós-graduação.
  - como Observatório de Políticas Públicas, é papel dos Institutos Federais fiscalizar projetos de pesquisa sobre outras instâncias da rede pública, criando uma rede integrada de ensino.
25. O papel do Instituto na formação do estudante, de acordo com o TEXTO 13, inclui
- o desenvolvimento de um pensamento crítico sobre o todo o processo sócio-histórico que cerca as questões do trabalho e o uso das tecnologias.
  - um ensino médio com um recorte específico sobre as inovações tecnológicas, reforçando o perfil profissionalizante do curso.
  - a ideia de que uma vida digna depende do uso adequado das tecnologias no mercado de trabalho, visando ao bem-estar social.
  - um ensino técnico que prioriza a instrumentalização adequada para um desempenho satisfatório do futuro profissional.
  - ousadia e inovação como ingredientes essenciais ao técnico em formação.
26. Com relação às estruturas linguísticas internas do TEXTO 13 e à funcionalidade que assumem discursivamente, pode-se dizer que
- por representar o discurso oficial preferencialmente informativo, o autor busca imprimir um tom acadêmico ao texto, apresentando dados estatísticos, mantendo-se imparcial nas discussões e utilizando o registro formal da língua.
  - suas descrições têm um tom intimista e eminentemente pessoal, justificado pelo fato de o autor estar diretamente envolvido nas mudanças do Ensino Técnico naquele momento.
  - apresenta predominância de sequências narrativas, que fazem uma retrospectiva histórica do processo de formação dos Institutos Federais.
  - ao lado de sequências expositivas e descritivas, há uma dimensão argumentativa no texto, que vem em defesa de uma determinada abordagem sobre a Educação Profissional.
  - apresenta sequências discursivas dialogais quando o autor interage com o leitor, buscando com ele construir o conceito de Educação Profissional adotado pelos Institutos.
27. Sobre o trabalho de revisão textual, com base na leitura do TEXTO 13, é CORRETO afirmar que
- o texto certamente não teve a leitura de um revisor, o que se comprova pelo fato de seu nome não estar registrado nas referências bibliográficas junto ao nome do autor.
  - ainda que não invalidem o raciocínio desenvolvido pelo autor ou empobrecam sua discussão, os diversos desvios gramaticais presentes no texto causam estranhamento no leitor, dadas as expectativas criadas sobre o gênero, o autor e o local de publicação.

- c) não caberia ao revisor buscar aproximar o texto da norma padrão, pois alteraria a singularidade impressa pelo autor ao longo de sua escrita.
- d) a falta de revisão no TEXTO 13 compromete a progressão de ideias e promove uma linguagem informal, inadequada ao gênero em questão.
- e) seriam atribuições do revisor, no caso do TEXTO 13, sugerir a correção das inadequações gramaticais, retificar o uso de alguns conectivos e fazer intervenções estilísticas bastante urgentes.

**Leia o TEXTO 14 para responder às questões 28 a 30**

**TEXTO 14**  
**FOLHA DE ROSTO**



*Eliezer Pacheco*  
*Organizador*

**INSTITUTOS FEDERAIS**  
**UMA REVOLUÇÃO**  
**NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**  
**E TECNOLÓGICA**

Brasília, 2011  
São Paulo, 2011

Fundação **Santillana**  
**Moderna**

28. O TEXTO 13, de Eliezer Pacheco, foi originalmente publicado no portal do MEC e posteriormente editado como capítulo do livro “Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica”, cuja folha de rosto está reproduzida como TEXTO 14. De acordo com a NBR 6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que trata das normas atuais de publicação, a referência bibliográfica CORRETA para esse livro, cujas informações constam no TEXTO 14, é:

- a) PACHECO, Eliezer (Org.). In: **Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. Brasília: Fundação Santillana, 2011; São Paulo: Moderna, 2011.
- b) PACHECO, Eliezer (Org.). 2011. **Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. Brasília: Fundação Santillana; São Paulo: Moderna.
- c) PACHECO, Eliezer (Org.). **Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. Brasília, SP: Fundação Santillana & Moderna. 2011.
- d) PACHECO, Eliezer (Org.). **Institutos Federais**. Fundação Santillana: Brasília; Moderna: São Paulo. 2011.
- e) PACHECO, Eliezer (Org.). **Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. Brasília: Fundação Santillana; São Paulo: Moderna. 2011.

29. As informações que constam no TEXTO 14 sobre o livro publicado indicam alguns elementos fundamentais sobre sua edição. Assinale a alternativa que NÃO interpreta corretamente essas informações.
- As duas cidades registradas indicam que a edição teve frentes de ação nos dois lugares, agindo de modo coordenado.
  - O termo “organizador” indica que Eliezer Pacheco foi responsável pela reunião dos textos para a composição do livro.
  - A parte do título que está sem o destaque em negrito é o subtítulo.
  - A data repetida (2011) indica, respectivamente, o ano do início e do fim da edição do livro.
  - Fundação Santillana e Moderna são as editoras que trabalharam conjuntamente para a publicação do livro.
30. Sobre o processo de normalização de textos técnico-científicos, como o TEXTO 14, assinale a alternativa INCORRETA.
- a norma que padroniza a estrutura e apresentação de textos técnico-científicos, como uma folha de rosto, tem caráter não voluntário no Brasil, sendo assim obrigatório seu uso, sob risco de multa em caso de descumprimento.
  - a normalização de textos técnico-científicos fornece diretrizes ou características essenciais para a organização de uma determinada atividade, otimizando seus resultados.
  - o uso de padrões e normas dentro de um texto técnico-científico facilita a identificação de informações básicas e a familiarização com o gênero discursivo em questão.
  - as normas que contemplam a organização de uma folha de rosto ou da capa de um livro não tratam de elementos de estilo, como a tipografia e a arte escolhidas, mas apenas das informações técnicas.
  - Ainda que sejam de âmbito nacional, as normas que regem a organização dos textos técnico-científicos estão filiadas a padrões internacionais, facilitando a troca de conhecimentos entre países.

**Leia o TEXTO 15 para responder às questões de 31 a 34.**

**TEXTO 15**  
**O TRABALHO NA BALANÇA DOS VALORES**

1	Em <i>A condição humana</i> , [Hanna] Arendt retoma a distinção grega das três
2	atividades fundamentais: <i>labor</i> , <i>trabalho</i> e <i>ação</i> . O <i>labor</i> é a atividade que corresponde
3	ao processo biológico do corpo do homem pela sobrevivência, com o fim de
4	manutenção e reprodução da vida. O modelo é o do camponês sobre o arado, o trabalho
5	na terra. Ressalta a passividade dessa forma de atividade humana submissa aos ritmos da
6	natureza, às estações, à intempérie, às forças incontrolláveis. O produto desse esforço é
7	perecível, embora dele dependa a vida de quem trabalha, por isso não é um trabalho
8	livre. A condição humana do labor é a vida.
9	Por outro lado, o <i>trabalho</i> propriamente dito, que corresponde à <i>poiesis</i> grega,
10	significa fazer, fabricação, criação de um produto por técnica ou arte, e corresponde ao
11	artificialismo da existência humana. <i>Poiesis</i> é a obra da mão humana e dos instrumentos
12	que a imitam. O modelo é o do escultor; por seu resultado concreto, o <i>fazer</i> do artista
13	adquire a qualidade da permanência e torna-se presença no mundo, para além da vida de
14	seu produtor. A mundanidade é a condição humana do trabalho.
15	Por sua vez, a <i>ação</i> ou <i>praxis</i> se exerce diretamente entre os homens, sem a

16	mediação das coisas nem da matéria. Não apresenta um produto concreto, portanto, não
17	possui a permanência da fabricação. É o domínio da atividade em que o instrumento é o
18	discurso, a voz e a palavra do homem. Corresponde à condição humana da pluralidade e
19	realiza a liberdade.
20	Arendt também analisa a marca da cultura judaica e cristã na concepção
21	ocidental da condição humana, em cujos entrelaçamentos se mantiveram a primazia da
22	teoria sobre a atividade e o menosprezo do trabalho manual. Na tradição judaica, o
23	trabalho se apresentava como castigo, meio de expiação do pecado original, labuta
24	penosa a qual o homem foi condenado. Nos primeiros tempos do cristianismo, o
25	trabalho continuou a ser visto como punição, embora servindo à saúde do corpo e da
26	alma. Nos mosteiros medievais, devia ser alternado com a oração e limitar-se à
27	satisfação das necessidades básicas da comunidade. (ALBORNOZ, Suzana. O trabalho na balança dos valores (trecho adaptado). <b>Revista Cult</b> . São Paulo, v. 139, n. 9. 2009)

31. Relacionando o TEXTO 13 com o TEXTO 15, assinale a alternativa INCORRETA.

- A “função instrumentalizadora” da educação (linha 21), sobre a qual se refere o autor do TEXTO 13, é correlata da dimensão do *trabalho* dentro da divisão de Arendt, que diz respeito à técnica.
- Dada a vocação técnica dos Institutos Federais, é possível perceber que a ideia de trabalho apresentada ao longo de todo o TEXTO 13 coincide com o conceito de *trabalho* de Hanna Arendt, inclusive no que diz respeito ao desenvolvimento regional.
- Ao observar as atividades profissionais “em seu sentido histórico [...] e ontológico” (linhas 25 e 26), o TEXTO 13 refere-se à construção socioeconômica, ideia presente no TEXTO 15, mas também ao ser que se reconhece dentro daquela função.
- Os princípios fundadores dos Institutos Federais desconstruem, em certa medida, a divisão entre *labor*, *trabalho* e *ação* quando congregam, por exemplo, escolas agrotécnicas, inovação tecnológica e formação contextualizada.
- Ainda que o TEXTO 13 não faça referência direta aos conceitos de Arendt, é possível aproximar o sentido da expressão “potencializam a ação humana” (linhas 29 e 30) com a ideia de *ação* ou *praxis* apresentada no TEXTO 15.

32. Assinale o trecho do TEXTO 15 com problema relacionado à ocorrência da crase.

- “**a** *ação* ou *praxis* se exerce diretamente entre os homens” (linha 15).
- “Ressalta **a** passividade dessa forma de atividade humana” (linha 5).
- “Corresponde **à** condição humana da pluralidade” (linhas 18).
- “embora servindo **à** saúde do corpo e da alma” (linha 25 e 26).
- “labuta penosa **a** qual o homem foi condenado” (linhas 23 e 24).

33. Sobre o uso dos conectivos e sua função na construção do TEXTO 15, analise as proposições abaixo.

- “O produto desse esforço é precível, **embora** dele dependa a vida de quem trabalha” (linhas 6 e 7) – A conjunção destacada poderia ser substituída por “conquanto”, sem prejuízo às relações semânticas estabelecidas no período.
- “**Por outro lado**, o *trabalho* propriamente dito, que corresponde à *poiesis* grega, significa fazer, fabricação” (linhas 9 e 10) – O conectivo estabelece uma relação de adição com o que foi dito no parágrafo anterior.

- III. “Não apresenta um produto concreto, **portanto**, não possui a permanência da fabricação” (linhas 16 e 17) – A conjunção destacada poderia ser substituída por “pois” sem modificação na relação semântica estabelecida entre as orações.
- IV. “O produto desse esforço é perecível, [...] **por isso** não é um trabalho livre” (linhas 6-8) – O conectivo marcado estabelece uma relação de consequência com a oração anterior.
- V. “Corresponde à condição humana da pluralidade e realiza a liberdade” (linhas 18 e 19) – a conjunção e, eminentemente aditiva, nesse caso estabelece uma relação de adversidade com a oração anterior.

Estão CORRETAS apenas

- a) II, III e IV.
- b) I, II e IV.
- c) III, IV e V.
- d) I, IV e V.
- e) III e V.

34. Sobre a *ação* em Hanna Arendt, a autora do TEXTO 15 explica: “É o domínio da atividade em que o instrumento é o discurso, a voz e a palavra do homem”. Pensando sobre os conceitos relativos a discurso, voz e palavra, tanto no texto lido quanto no domínio dos estudos linguísticos, é CORRETO afirmar que

- a) os termos *discurso*, *voz* e *fala* poderiam ser substituídos no trecho selecionado pela expressão *texto*, se a autora quisesse levar a discussão para uma abordagem especificamente enunciativa.
- b) a abordagem de Arendt de discurso como instrumento sugere uma interpretação mais estreita dos termos *voz* e *palavra*, como ferramentas de comunicação.
- c) a gradação evidenciada na sequência *discurso*, *voz* e *palavra* indica que o trabalho gradualmente cala o homem, reduzindo a força de sua expressão.
- d) em um sentido mais amplo, os termos *voz* e *palavra* podem assumir no contexto visto um viés discursivo, referindo-se aos valores, história e singularidade marcados na fala do indivíduo.
- e) os termos *discurso*, *voz* e *palavra*, da forma como aparecem no trecho acima, dizem respeito a questões de oratória, prosódia e morfologia, respectivamente.

35. As alternativas abaixo mostram o resultado do verbete “trabalho” em um dicionário etimológico da plataforma wiki (<https://pt.wiktionary.org/wiki/trabalho>). A única versão que está rigorosamente CORRETA, quanto ao uso dos sinais de pontuação, é:

- a) O significado da palavra **trabalho** remonta à sua origem latina, – *tripalium* (três paus) – instrumento utilizado para subjugar os animais e forçar os escravos a aumentar a produção. O *tripalium* era, pois, um instrumento de tortura; algo semelhante à cruz que o rebanho cristão adotou como objeto-símbolo.
- b) O significado da palavra **trabalho**, remonta à sua origem latina, *tripalium* (três paus), instrumento utilizado para subjugar os animais e forçar os escravos a aumentar a produção. O *tripalium* era, pois, um instrumento de tortura, algo semelhante à cruz que o rebanho cristão adotou como objeto-símbolo.
- c) O significado da palavra **trabalho** remonta à sua origem latina: *tripalium* (três paus) – instrumento utilizado para subjugar os animais e forçar os escravos a aumentar a produção. O *tripalium* era, pois, um instrumento de tortura, algo semelhante à cruz que o rebanho cristão adotou como objeto-símbolo.

- d) O significado da palavra **trabalho** remonta à sua origem latina: *tripalium* (três paus) instrumento utilizado para subjugar os animais e forçar os escravos a aumentar a produção. O *tripalium* era pois, um instrumento de tortura, algo semelhante à cruz que o rebanho cristão adotou como objeto-símbolo.
- e) O significado da palavra **trabalho** remonta à sua origem latina, *tripalium*, (três paus) instrumento utilizado para subjugar os animais e forçar os escravos a aumentar a produção. O *tripalium* era pois um instrumento de tortura. Algo semelhante à cruz que o rebanho cristão adotou como objeto-símbolo.

Leia o TEXTO 16 para responder às questões de 36 a 40

**TEXTO 16**



36. No TEXTO 16, o personagem Miguelito externa a Mafalda uma reflexão sobre o trabalho. A partir dessa leitura, analise o que se afirma a seguir.
- I. Com sua pergunta, o personagem coloca em xeque a primazia do trabalho sobre o trabalhador.
  - II. O TEXTO 16 confronta duas perspectivas sobre o trabalho – como meio de ganhar a vida ou de desperdiçá-la.
  - III. Implicitamente o TEXTO 16 dialoga com a ideia de que “o trabalho dignifica o homem”, questionando-a.
  - IV. O autor do texto faz um jogo de linguagem no segundo quadrinho para evidenciar a incoerência do pensamento em torno do trabalho.
  - V. No primeiro quadrinho, Miguelito ecoa o discurso do senso comum, enquanto no segundo, ele imprime sua análise pessoal sobre o fenômeno do trabalho.

Estão CORRETAS as proposições

- a) I, II, III, IV e V.
- b) II, IV e V, apenas.
- c) I, IV e V, apenas.
- d) II, III e IV, apenas.
- e) I, II, IV e V, apenas.

37. Sobre o uso da linguagem verbal e visual no TEXTO 16, todas as alternativas estão corretas, EXCETO:
- a) As expressões “é”, “tudo bem” e “claro”, no primeiro quadrinho, indicam que Miguelito se alinha ideologicamente à concepção de trabalho expressa no primeiro balão.
  - b) A atitude de Mafalda, baixando o gíbi, demonstra o estranhamento frente à desconstrução proposta por Miguelito.
  - c) A expressão “ganhar a vida” sugere que é preciso fazer algo para validar a existência do indivíduo, ou para prover a sobrevivência.
  - d) O conectivo “mas”, que inicia o segundo balão, soma-se à expressão corporal de Miguelito para indicar frustração e um sentido de deslocamento frente à situação analisada.
  - e) No segundo quadrinho, o substantivo “vida” aparece como uma experiência duplicada e circular, na qual o sentido da vida nunca é plenamente vivenciado.
38. Relacionando o TEXTO 16 com o TEXTO 15, é CORRETO dizer que
- a) a conversa entre Miguelito e Mafalda, no TEXTO 16, pode ser vista como uma atividade profissional do campo da ação, conforme explica o TEXTO 15, pois se baseia na palavra.
  - b) o questionamento de Miguelito, no TEXTO 16, ignora que a atividade profissional também pode se dar na dimensão do trabalho e da ação, opções que não se encaixam na crítica feita.
  - c) quando Hanna Arendt explica que a dimensão do trabalho se baseia na permanência do produto, ela desconstrói a ideia de desperdício, criticada no TEXTO 16.
  - d) quando Miguelito diz, no TEXTO 16, que as pessoas “desperdiçam a vida trabalhando” ele, implicitamente, dialoga com a ideia de trabalho como “labuta penosa”, “punição” (TEXTO 15).
  - e) a fala de Miguelito “trabalhar para ganhar a vida, claro”, refere-se exclusivamente ao labor, que tem como condição humana a vida, como visto no TEXTO 15.
39. A pergunta de Miguelito: “Mas por que é preciso desperdiçar a vida que a gente ganha trabalhando para ganhar a vida?” (TEXTO 16) emprega adequadamente a locução “por que”. Assinale a alternativa que também apresenta o uso CORRETO do porquê.
- a) Eu queria saber porque a gente desperdiça a vida que a gente ganha trabalhando para ganhar a vida.
  - b) É preciso desperdiçar a vida que a gente ganha trabalhando para ganhar a vida? Por quê?
  - c) Qual o por quê de se desperdiçar a vida que a gente ganha trabalhando para ganhar a vida?
  - d) Eu fico pensando: porque desperdiçar a vida que a gente ganha trabalhando para ganhar a vida?
  - e) Se desperdiçamos a vida que a gente ganha trabalhando é por que temos que ganhar a vida.
40. Os TEXTOS 15 e 16 representam, respectivamente, os seguintes gêneros discursivos:
- a) resenha e quadrinhos.
  - b) reportagem e cartum.
  - c) artigo de opinião e charge.
  - d) dissertação de mestrado e história em quadrinhos.
  - e) texto de divulgação científica e tirinha.